

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO
PROFESSOR NOTA 10**

**MARYLENE CARVALHO QUEIROZ
SAMANTA SOUSA DE PAULA
SANDRA YARA ZANCHET DE SANTOS
SARON PEREIRA MARÇAL MIRANDA
TEREZINHA APARECIDA DOS SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL
NAS SÉRIES INICIAIS**

**BRASÍLIA
2005**

MARYLENE CARVALHO QUEIROZ – 4026086/0
SAMANTA SOUSA DE PAULA – 4030336/0
SANDRA YARA ZANCHET DE SANTOS – 4030340/3
SARON PEREIRA MARÇAL MIRANDA – 4030341/7
TEREZINHA APARECIDA DOS SANTOS – 402660/7

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL
NAS SÉRIES INICIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação -- FACE – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão do curso.

Orientador: prof. Jorge Leite de Oliveira

BRASÍLIA
2005

“O arregalar dos olhos, o parar tudo, indica que as portas da imaginação foram abertas, que as paredes do conhecimento receberão mais tijolos do saber recobertos da massa do prazer pelo conto.”

Marylene C. Queiroz

RESUMO

Entende-se por literatura diversas regras e formas, dentre elas a de escrever obras literárias em prosa ou em versos; ou conjunto de trabalhos literários de um autor, de um país ou de uma época, e ainda os homens de letra e até sonho e fantasia. Quando entra na escola, a criança já é capaz de falar sobre suas experiências e o mundo que a rodeia. Ela já expressa uma leitura do seu cotidiano. Para propiciar essa leitura, a sala de aula deve ser transformada num ambiente estimulador. Foi pensando de forma abrangente, que entendemos ser de responsabilidade, ou até obrigação e postura ética, dos profissionais licenciados para lecionarem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, desenvolver o gosto pela leitura, utilizando recursos distintos. A infância é a fase mais ativa, curiosa, apresentando maior socialização, com avanço nas funções abstratas de raciocínio, onde se estabelece relação entre o mundo real e o tempo, forma o pensamento abstrato e passa a ter noção de causa e efeito. Técnicas motivadoras e principalmente o lúdico aproveitando os textos que melhor se adaptam a esta fase, como os contos de fadas e contos maravilhosos que discutam valores morais. Transmitindo segurança às crianças para atingirmos as idéias principais a serem fixadas por mentes jovens e ávidas de saber, hoje alunos estimulados, tornem-se amanhã, adultos pensantes, capazes de fazerem uso competente da língua, visto que a leitura é uma atividade fundamental na aprendizagem, ajudando o aluno a encontrar dados para solução de problemas, fornecendo informações sobre assuntos a serem estudados.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	8
2.1 A literatura infantil.....	8
2.2 Principais autores da literatura infantil.....	13
3 BENEFÍCIO DA LEITURA.....	16
3.1 Intenção da leitura na aula.....	19
4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS - SUA FUNÇÃO E PREPARO.....	24
4.1 A preparação do conto e do contador.....	25
4.1.1 Preparação do conto.....	25
4.1.1.1 Decolar-se do texto escrito.....	25
4.1.1.2 O trabalho do poeta.....	26
4.1.1.3 O outro trabalho do poeta.....	27
4.1.1.4 Dar vida às palavras.....	27
4.1.2 Preparação do contador.....	28
4.1.2.1 Ritmo.....	28
4.1.2.2 Expressão.....	28
4.1.2.3 Energia.....	28
4.1.2.4 Poder.....	29
4.1.2.5 Memorização.....	29
4.1.2.6 Improvisação.....	29
4.2 Roteiro para seleção de livros.....	30
4.2.1 Qualidade Gráfica.....	31
4.2.2 Qualidade de ilustração.....	32
5 TÉCNICAS E RECURSOS PARA CONTAR HISTÓRIAS.....	34
5.1 Marionetes.....	35
5.2 Fantoques.....	37
5.3 Dedoches.....	37
5.4 Teatro de vara.....	38
5.5 Teatro de sombras.....	38

5.6 Origami.....	39
5.7 Avental chinês.....	39
5.8 Luvas.....	39
5.9 Colagens.....	40
5.10 Sucatas.....	40
5.11 Massinha.....	40
5.12 Indumentárias.....	41
5.13 Livros.....	41
5.14 Fantoche de meia.....	42
5.15 Instrumento.....	43
5.15.1 Chocalho de tampinhas.....	43
5.15.2 Chocalho de copo.....	43
5.15.3 Chocalho de alça.....	44
5.15.4 Caixas sonoras.....	44
5.15.5 Pauzinho de rumba.....	44
5.15.6 Lixas.....	44
5.15.7 Reco-reco (1).....	45
5.15.8 Reco-reco (2).....	45
5.15.9 Reco-reco (3).....	45
5.15.10 Pandeiro.....	45
5.15.11 Tambor.....	46
5.15.12 Marimba.....	46
5.15.13 Conguê.....	46
5.15.14 Platinelas.....	46
5.15.15 Pau-de-chuva.....	47
6 PROPOSTAS DE ATIVIDADES APÓS A LEITURA.....	48
6.1 Roteiro para planejamento de atividade.....	50
6.2 Procedimentos didáticos.....	51
6.3 Revisão de texto.....	51
6.3.1 Versão final do texto	56
6.3.2 Texto final dos alunos.....	57
7 CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma arte milenar. Durante séculos os homens transmitiram o conhecimento acumulado pelas gerações - suas crenças, mitos, costumes e valores a serem preservados por meio dessa prática.

De acordo com Ana Maria Machado (2002, p.75) “o homem conta histórias para tentar entender a vida, sua passagem pelo mundo, ver na existência alguma espécie de lógica”.

Cada cultura, a despeito de suas diferenças, revela na arte de contar histórias os padrões de pensamento e comportamento humanos, e procuram responder, com ajuda delas, questões relativas à moral, a visão de mundo e aos princípios de valoração preestabelecidos socialmente.

Com relação a criança, as histórias infantis são o início da aprendizagem e a base de sua formação. Em geral, o primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, pelos pais, mas, é na escola que essa tarefa torna-se sistematizada.

De acordo com os PCN's (1997, p.41), os alunos devem concluir o Ensino Fundamental dominando a linguagem de maneira eficaz, e fazer uso competente da leitura para poder expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opções individuais, analisando criticamente o uso da língua como instrumento de divulgação de valores e princípios. Para tanto, cabe ao educador estimular e despertar o olhar criativo, imaginário do aluno de maneira lúdica, colorida e educativa.

Despertar nos alunos o gosto pela leitura é uma tarefa que exige do professor um contínuo jogo de cintura capaz de gerar comportamentos, sentimentos e atitudes nas crianças favoráveis ao desenvolvimento pleno de cada uma.

Formar um aluno leitor é um processo gradativo e constante que deve ter seu início no seio familiar e continuar sendo reforçado pela escola. Desenvolver o hábito de leitura, então, é um desafio encontrado por nós professores, pois não se trata apenas de ensinar o aluno a ler, e sim, a compreender melhor seu mundo e a realidade que o cerca.

Entendemos que a arte de contar histórias é um dos recursos mais ricos que seduz, instiga e conduz o indivíduo a desfrutar dos benefícios que a leitura do

mundo traz. Esses benefícios são traduzidos pela capacidade de o sujeito fazer escolhas, refletindo e criticando suas ações por meio das experiências que as histórias infantis oferecem.

O papel do professor contador de histórias é fundamental para que o gosto da leitura seja de fato produzido nos alunos.

A principal função do contador de histórias é resgatar a imaginação das crianças que têm em seu dia-a-dia um excesso de estímulos visuais. Prender a atenção das crianças e ajuda-las a resgatar o prazer de ouvir e criar imagens a partir do que lhes chega apenas pelos ouvidos, faz com que o contador crie um ambiente muito mais sedutor, capaz de encantar e dar vida as histórias narradas. Para isso, o espaço do conto, da narração torna-se um lugar de criação onde a música, a mímica, o ritmo, a entonação, a energia, a expressão corporal são o eixo que garantirá o sucesso da história.

Contar histórias possui técnicas acessíveis que utilizadas de forma adequada, podem transformar o mais tímido professor em um hábil contador, capaz de descobrir qualidades novas em si para apresentar-se com desembaraço e encantamento.

De acordo com Coelho (1997) a escolha da história, as formas de apresentação, a narração e as atividades propostas a partir das histórias contadas são fatores que se interligam, sendo fundamental o planejamento, o roteiro e a organização para garantir segurança e a naturalidade que o contador deve ter. Ao contar histórias é preciso observar a faixa etária e interesses da criança, respeitando a utilização dos recursos mais adequados para apresentá-las.

(...) para contar uma história, é preciso saber como se faz... Afinal, nela se descobrem palavras novas, se depara com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... e para isso, quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encantamento... saber dar as pausas, o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário.(ABRAMOVICH. Apostila contador de histórias. 2001)

Daí a importância do professor contador de histórias, que, por meio dessa arte, consegue formar um usuário competente da leitura, capaz de usufruir dos benefícios proporcionados pelas histórias, tais como a formação moral, social e literária, por meio dos valores e princípios que elas traduzem.

2 A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

2.1 A literatura infantil

Para Cademartori (1994), a literatura infantil divide-se em dois momentos: a lendária e a escrita.

Segundo Oliveira (2005), desde os primórdios da civilização o homem começou a se comunicar e a transmitir seus conhecimentos, valores, usos e costumes a todos os que estavam ao seu redor. Contar suas experiências era sinônimo de proteção. Ao se apossar da palavra o homem percebeu o poder que esta tinha para manter ou destruir suas tradições, para construir e proteger o mundo em que vivia. Como algo misterioso e mágico, as narrativas alcançavam adultos e crianças infundindo em cada um o modo de vida vigente, por meio da oralidade.

Pela tradição oral, lendas, mitos, fábulas, casos de assombração e contos familiares eram repassados para as novas gerações para atualizar, reinterpretar e justificar os acontecimentos da época. Esses tipos de histórias compunham a literatura lendária, cujo caráter mágico e fabuloso eram descritos na arte de um contador em sua íntima relação com a oralidade.

A literatura lendária que não era registrada por escrito, apontava para uma sociedade cujas concepções de “infância”, “realidade” e “fantasia”, distanciavam-se em muito das que temos hoje em dia.

Segundo Azevedo, na época Medieval eram tênues os limites entre a vida adulta e a infantil. Por isso, a vida comunitária, os costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas eram conhecidos por todos, indistintamente. Todo e qualquer assunto podia ser conhecido pelas crianças.

Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, a indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda a comunidade, independentemente de faixas etárias (AZEVEDO, 2005).

Pouco antes da ascensão da família burguesa, o papel ocupado pela criança no período Medieval era o de um pequeno adulto, importante como força na

família e na sociedade, mas desprovida de qualquer laço amoroso especial. Não existia infância nessa época.

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. (ZILBERMAN, 2003, p.15)

Outra concepção da época Medieval que se diferencia da que possuímos hoje, é o de “realidade” e “fantasia”. Segundo Ehrenzweig, “em princípio, a realidade é o que fomos condicionados a ver e captar” (EHRENZWEIG *apud* AZEVEDO, 2005,p.).

Naquela época, era disseminada a crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados, e tudo o que hoje chamamos de irreal, fantástico, como tentativa de explicação dos fenômenos naturais e fatos que ocorriam ao redor do homem. “O pensamento mágico dominava em lugar da lógica que conhecemos” (OLIVEIRA, 2005, p.).

Crianças e adultos, então, sentavam-se nas praças públicas e ouviam narrativas míticas cheias de teor imaginário, onde as tradições e a visão de mundo eram compartilhadas pelos contadores de histórias, jograis e menestréis a todas as pessoas, indistintamente.

Com a descoberta da imprensa surgem os primeiros livros infantis. Escritos por intelectuais que lutavam contra a opressão do povo, esses livros eram a compilação de histórias contadas oralmente, que com fundo satírico, estigmatizavam e condenavam os usos, costumes e personagens opressores.

A partir do séc. XVII essas histórias começaram a ser adaptadas para crianças tendo em vista que, originalmente, não foram escritos para elas. Com teor maravilhoso, fantástico, traduziam a realidade adulta para ao pensamento mágico, próprio das crianças. Esta literatura arcaica acabou se transformando em literatura infantil porque a natureza mágica de sua matéria atraía espontaneamente as crianças.

Ao final do século XVII e durante o século XVIII, a literatura infantil constituiu-se como gênero. Aliada à Pedagogia surge com características próprias. Esvaziada do teor artístico e sem possuir um reconhecimento de valor estético, a literatura infantil surge como instrumento de dominação ideológica capaz de perpetuar os

ideais burgueses: formar uma modalidade familiar unicelular fundada no individualismo, na privacidade e na promoção do afeto.

A literatura infantil emerge dentro desse panorama, contribuindo para a preparação da elite cultural, pela reutilização do material literário oriundo de duas fontes distintas e contrapostas: a adaptação dos clássicos e dos contos de fadas de proveniência folclórica. (ZILBERMAN, 2003, p.134).

Durante esse período a “infância” recebeu um novo “status”. Em prol de um novo modelo social, a sociedade se volta para outro conceito de infância cuja criança é vista como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias e que precisa receber uma educação especial que a prepare para a vida. Segundo Zilberman, a literatura infanto-juvenil surge apenas com a definição de infância.

De acordo com Zilberman,

Se no século XVII já se verifica um interesse especial pela criança, provocando a edição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses, o século XVIII assiste à passagem completa da infância ao centro das considerações (ZILBERMAN, 2003, p.38).

No entanto, a criança, que antes participava da vida coletiva, agora passa a ter uma infância idealizada: da a sua fragilidade biológica, torna-se dependente dos mais velhos e por sua inexperiência é marginalizada em relação ao setor de produção (ZILBERMAN, 2003, p. 19-20).

A burguesia ascendente dos séculos XVIII e XIX, patrocinadora da expansão e aperfeiçoamento do sistema escolar, enclausurou a criança na escola negando-lhe o convívio social de modo que os conflitos não eram mais discutidos, nem questionados abertamente, sonegando, desta forma o direito de expressão aos menores e atribuindo a eles uma percepção da realidade segundo a óptica adulta.

Nesse contexto, o tipo de literatura produzido para o público infanto-juvenil possuía caráter utilitário, ou seja, estava ligado à lição e à intenção didática, e tinha por objetivo passar conceitos e normas de condutas sociais.

De acordo com Pazos, a literatura infanto-juvenil é fruto das transformações sociais. Atualmente, a infância tem sido marcada pela precocidade das mudanças físicas e comportamentais das crianças. Embora a literatura infantil ao longo do tempo tenha sido utilizada com o puro objetivo pedagógico, doutrinador, atualmente, em muitas escolas, os professores têm resgatado o lugar do livro como puro entretenimento, deleite e prazer.

A moderna pedagogia passou a enfatizar a necessidade de uma formação emancipada das crianças, e a literatura infantil respondeu com textos renovados, que procuram liberar a criatividade infantil.

Segundo a Psicanálise, o significado simbólico dos contos maravilhosos está ligado aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. O maravilhoso sempre foi e continua sendo em dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

Atender às necessidades das crianças e dos jovens aproveitando seus interesses e resgatar a leitura de textos que trabalham o imaginário, o pensamento mágico é um dos desafios mais importantes da Pedagogia atual. Segundo Pazos, a literatura infanto-juvenil atinge ao seguinte público:

- Literatura infantil – crianças até a fase da alfabetização – até aos 7 anos, aproximadamente;
- Literatura juvenil – de 8 a 14 anos, segundo a autora;

Segundo Oliveira,

O caminho para a “redescoberta da literatura Infantil”, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto.

Conforme Pazos (2005, p. 245),

(...) a literatura infantil é um gênero que atinge a um público particular – a criança – por adequar os textos à faixa etária e às necessidades próprias de cada uma.

Atualmente o trabalho com Literatura Infantil tem sido estimulado na escola respeitando-se o desenvolvimento cognitivo da criança. Por isso, ela deve ser trabalhada em sala de aula considerando as características das fases de desenvolvimento infantil, conforme as necessidades de cada uma.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade. (OLIVEIRA)

De acordo com Piaget (1969) a primeira fase do desenvolvimento infantil chama-se período sensório-motor (0 a 2 anos), em que a criança se encontra no início do desenvolvimento mental. Nessa fase da infância a criança reconhece a realidade pelo tato; é egocêntrica; começa a descobrir as formas concretas e dos seres; descobre a si mesma e as outras; explora o mundo dos sentidos; conquista a linguagem; nomeia as partes do corpo; começa a formar frases completas; imita a conduta dos adultos e estabelece sua rotina, etc. De acordo com Pazos (2004), nesse período do desenvolvimento infantil as histórias devem ser rápidas e curtas, e podem ser inventadas e improvisadas. A ênfase deve ser dada à entonação de voz e ao movimento para traduzir a estória.

A criança demonstra a necessidade de pegar no livro ou material utilizado para contar a estória e valoriza o ritmo, a voz, a musicalidade presente na mesma.

A segunda infância (3 a 6 anos e 11 meses) é descrita por Piaget de acordo com características básicas que ressaltam a presença intensa da fantasia e imaginação. Há o predomínio de lúdico e do pensamento mágico nesta fase. A criança passa a ampliar o vocabulário e faz muitas perguntas. Ela não diferencia o mundo real do mundo da fantasia; desenvolve o sentido do eu e amplia a noção de limite. Nesse período a criança se interessa por textos curtos e elucidativos e atribui vida a seres inanimados, ela começa a se interessar pelo elemento maravilhoso presente nos textos.

No estágio pré-operatório (segunda infância) os textos devem ser curtos e estar relacionados ao cotidiano familiar da criança, devem ter enredo com final feliz e com personagens capazes de transpor situações novas e difíceis. Os textos que melhor se adaptam a essa fase são os contos de fadas e contos maravilhosos que discutem valores transmitindo segurança às crianças.

A terceira infância é a fase da operação concreta (7 a 11 anos). Nesta fase a criança entra na esfera juvenil, apresentando maior socialização, com avanço nas funções abstratas de raciocínio; estabelece relação entre o mundo real e o tempo, forma o pensamento abstrato e passa a ter noção de causa e efeito. Essa é a fase de meninice, é a fase mais ativa, curiosa. As histórias mais adequadas para esse período são as aventuras, os textos cheios de sonhos e fantasias, mas que retratam a realidade. Por exemplo, O Mágico de Oz, Alice no País das Maravilhas, Robinson Crusoe, etc.

Seja qual for a fase de desenvolvimento infantil, é preciso considerar nas obras literárias as ilustrações, que devem ser adequadas, inspirando vida despertando a curiosidade da criança. Além disso, o narrador, o título, o tema e as adaptações feitas devem adequar-se ao público alvo estimulando a imaginação e criatividade. Ao trabalhar com a criação de histórias e com a criação de personagens é preciso atender para a formação dos valores éticos, e, ao retratar uma realidade como a deficiência, o abandono, a dor, é preciso enfatizar narrativas com enfoques positivos, que privilegiem a competência intelectual a sensibilidade, o equilíbrio psíquico das personagens, para a formação de valores e do espírito de cidadania do leitor. (Pazos, 2005)

2.2 Principais autores da literatura infantil

O pensamento mágico é uma das características da Literatura Infantil. Para o surgimento desta escrita específica, vários autores como Charles Perrault, irmãos Grimm, Christian Andersen, Monteiro Lobato, e outros, contribuíram com suas obras, cujas narrativas eram adaptadas ao público infantil. (PAZOS, 2004).

Charles Perrault (1628-1703) é um dos maiores sucessos da Literatura Infantil do séc. XVII. Ele foi o precursor dos contos de fadas, cujos personagens possuem poderes mágicos para vencer o mau. Dentre os contos de fadas mais conhecidos podemos citar: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, O gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, e outras. Os contos de fadas que Perrault adaptou do indo-europeu apresentam um potencial educativo e disciplinador, transmitindo valores através da moral da estória.

Os irmãos Grimm também contribuíram significativamente para o surgimento da literatura infantil. Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) são responsáveis pelo resgate da memória popular de antigas lendas, ou histórias germânicas conservadas pela tradição oral. Esses autores conseguiram escrever e publicar mais de 200 histórias com vários tipos de narrativas, como os contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas, lendas, contos de enigma ou mistério e contos jocosos. Nessas narrativas evidencia-se a simplicidade da história em descrever uma problemática a ser solucionada, onde os vilões são castigados e os heróis exaltados.

Outro autor de histórias infantis que conquistou a literatura mundial foi Hans Christian Andersen (1805-1875). Andersen é considerado o precursor da literatura infantil. Muitas de suas histórias retratam o cotidiano, por meio do mundo maravilhoso, da fantasia, levando a criança a solucionar problemas de maneira inconsciente. Dentre suas obras podemos citar: O patinho feio, O soldadinho de chumbo, A roupa nova do imperador, etc.

No Brasil, as primeiras produções da literatura infantil foram escritas com cunho didático-pedagógico. Olavo Bilac e Coelho Neto foram os primeiros a produzir obras com o objetivo de doutrinar a criança para os valores, hábitos e sentimentos vigentes na sociedade adulta. A obra *Contos Pátrios* (1904), desses autores, foi escrita com esse objetivo.

A literatura infanto-juvenil produzida no Brasil teve um marco decisivo em Monteiro Lobato (1822-1948). Esse autor consegue mudar em seus textos o aspecto pedagógico e traduz uma linguagem onde o maravilhoso é ressaltado, as aventuras acontecem no mundo cotidiano cheias de fantasia e do lúdico.

Lobato contribuiu significativamente para o conhecimento da tradição e para mudança dos paradigmas, dos valores e não-valores que o tempo cristalizou e que o presente se incube de renovar e redescobrir. Dentre suas obras destacam-se a menina do nariz arrebitado, Memórias de Emília, o Minotauro e outras.

A partir da década de 70 a literatura infantil brasileira passou a receber contribuições significativas de inúmeros autores. Escritores como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Marina Colassanti, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Roseana Murray, Ziraldo, Pedro Bloch, marcaram os caminhos da literatura brasileira ao resgatarem o humor dentro do realismo mágico das histórias.

Na década de 80, Ciça Fittipaldi, Ricardo Azevedo, Flávio de Souza, Léo Cunha, são autores que buscaram como fonte de instrução de suas obras os contos populares.

Autores como Marcos Ruy e Pedro Bandeira marcaram a década de 90 com obras que discutem as questões que afligem os jovens de nossos dias.

3 BENEFÍCIO DA LEITURA

O despertar para a leitura deveria começar em casa, com os pais contando histórias para seus filhos, ainda na primeira infância. Na maioria das vezes, entretanto, essa tarefa fica delegada à escola. A ela caberá formar e sistematizar o hábito de ler, que deve ocorrer ainda nas séries iniciais.

Ensinar a criança a ler, a escrever e se expressar de maneira competente na língua portuguesa são objetivos dos PCN's para o ensino fundamental. Os alunos devem terminar a quarta série do ensino fundamental dominando a linguagem de maneira eficaz, produzindo e interpretando textos. E ao final das oito séries deverá saber expressar-se em diferentes situações de diferentes maneiras; conhecer e respeitar as variedades lingüísticas do português falado; distinguir e compreender o que dizem diferentes gêneros de texto; entender que a leitura pode ser uma fonte de informação e de prazer; ser capaz de identificar os pontos mais relevantes de um texto, organizar notas sobre esse texto, fazer roteiros, resumos, índices e esquemas; expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões individuais e ser capaz de identificar e analisar criticamente os usos da língua como instrumento de divulgação de valores e preconceitos de raça, etnia, gênero, credo ou classe.

Para tanto, o educador tem de despertar, o quanto antes, o olhar curioso do aluno. A leitura em sala permite a observação direta do professor e talvez represente a única oportunidade de a criança manter contato com a leitura de lazer.

A escritora Ana Maria Machado diz que “A leitura deve ser encarada como uma paixão [...] ensinar a ler clássicos é uma iniciação afetiva”. É preciso ler antes mesmo de dominar o alfabeto. Por isso, é importante abrir um espaço para as atividades orais e assim permitir que a criança expresse, também, dessa forma seus sentimentos. A criança tem grande necessidade de carinho e segurança. Está em formação de auto-imagem, ela acredita ser o que o adulto lhe diz que é sem questionar, gosta de ouvir a mesma história várias vezes, ainda se perde em dois mundos, o real e o imaginário, da fantasia, até, pelo menos, a adolescência. O que

muda é o grau de complexidade das histórias. Daí a importância da interferência dos adultos.

A autora Hemilewski diz que “A literatura possibilita à criança uma leitura em vários níveis: sensorial, através de aspectos exteriores do livro; emocional, pelos sentimentos que a leitura provoca, pelo gostar ou não do que lê ou ouve, pela reordenação do mundo objetivo; e o racional, pela reflexão a que conduz, oportunizando a construção do conhecimento e a reordenação do mundo objetivo”.

A história permite o desenvolvimento de atividades que explorem a verbalização, o desenho, a mímica, as imagens sensoriais. O momento se torna oportuno para abordar alguns aspectos da linguagem. Pedir, por exemplo, às crianças que desenhem o que mais gostam na história, estimulando-as a explicar seus desenhos aos colegas e depois fazer uma nova leitura mostrando as ilustrações obtidas é um bom começo na produção de textos. Quanto mais variados, interessantes e divertidos forem os textos, mais hábeis se tornarão os leitores. O texto também é excelente para um trabalho de integração das diferentes áreas da aprendizagem. Aliás, a leitura se constitui fator de impulso à aprendizagem na medida em que estimula a criatividade, enriquece as experiências, desenvolve a percepção entre texto e contexto e as dimensões afetiva e social do conhecimento, além de ser fonte de prazer.

É realmente interessante notar que a literatura encontra lugar, pode-se dizer, em todas as teorias da aprendizagem. Vejamos alguns exemplos:

Segundo o guia de estudo para professores das séries iniciais do ensino fundamental-curso de pedagogia - projeto professor nota 10, para Ausubel, ensinar é tornar o conteúdo significativo. Aprender é estabelecer conexões. Para Skinner, ensinar é criar reforços e aprender é mudar o comportamento. Piaget valoriza o trabalho com as diferenças. Para ele, ensinar é desequilibrar e aprender é equilibrar. O humanista Rogers entende que ensinar é estar disponível e aprender é sentir-se realizado. Vigotski, por sua vez, ensina que para haver aprendizagem há necessidade de equilíbrio de emoções.

A literatura oferece aos leitores um acervo de informações conotativas ou denotativas que proporcionam benefícios na formação intelectual e moral do indivíduo.

De acordo com Ângela Franco (p. 46), existem quatro tipos de leitura que são: leitura estudo do texto; leitura técnica de estudo científico; leitura pretexto e leitura

literária. Para a autora esses quatro tipos de leitura devem estar presentes na escola, desde a primeira série até a conclusão.

Para a Fundação Calouste Gulben Kian/Lisboa (1991, p.33-35), pode-se considerar várias situações de leitura:

- a) básica - para desenvolver habilidades específicas da leitura;
- b) informativa - para procurar informações;
- c) recreativa - para divertimento e satisfação de quem lê.

Segundo eles, existem dois tipos de leitura: silenciosa e oral. Sendo que a leitura silenciosa é processada mentalmente sem ajuda dos órgãos vocais, essa leitura nos proporciona as seguintes vantagens:

- a) maior interiorização, compreensão e rapidez de leitura;
- b) um ritmo pessoal de leitura;
- c) rever o que fora lido para um melhor esclarecimento de dúvidas;
- d) uma visualização da forma escrita, que contribui para melhora da escrita ortográfica;
- e) prepara para uma leitura oral mais inteligente e expressiva.

A leitura silenciosa permite ainda a leitura diagonal, aquela em que não se precisa ler todas as palavras do texto para conseguir a compreensão total do mesmo. É uma leitura em velocidade para leitores com uma considerável prática.

A leitura oral, portanto, é efetuada em voz alta para que o outro tome conhecimento do que está no texto. Esse tipo de leitura vai possibilitar ao leitor:

- a) desenvolvimento amplo da compreensão, ou seja, vai ter maior facilidade em entender o que leu;
- b) o aperfeiçoamento da articulação e da entoação da pronuncia;
- c) a aprendizagem de se controlar emocionalmente frente ao professor e colegas.

A leitura oral individual constitui um dos melhores meios de aperfeiçoamento de quem lê, pois para quem não tem a prática da leitura, torna-se um processo difícil. É preciso que esse indivíduo tenha uma apresentação de uma leitura modelo.

Já a leitura dialogada apresenta um bom exercício disciplinador, por que quem vai ler deve estar atento à sua entrada, esse modelo é usada principalmente para apresentação de peças teatrais e jograis.

A leitura oral coral é realizada por grupos grandes ou pequenos de alunos, traz benefícios aos alunos mais tímidos, por se sentirem enquadrados num grupo, além de proporcionar disciplina ao grupo. Porém não deve ser usado com muita frequência, pois impede a correção individual.

3.1 Intenção da leitura na aula

A leitura silenciosa ou oral pode ser realizada com duas intenções principais:

- a) procurando informações específicas;
- b) encontrar a idéia geral expressa no texto.

No processo de aprendizagem da leitura, o professor deve observar os seguintes princípios para que de fato a leitura traga benefícios ao aluno:

- escolher temas que motivem os alunos à uma reflexão prévia relacionada ao texto;
- levar o aluno a compreender que para se ter um entendimento global é indispensável o conhecimento das palavras utilizadas no texto, se preciso consultar o dicionário para aprender o significado das palavras enriquecendo assim, seu vocabulário;
- a variedade dos textos atrai os alunos;
- diversificar, o quanto possível, as fontes de leitura, utilizando revistas, jornais, guias, catálogos, gibis, livros, panfletos e outros;
- o professor proporcionará ao aluno modelos seguros de leitura através de alunos que leiam bem ou gravação de leituras de qualidade, para que assim o aluno tenha um rumo, uma direção a seguir.

Para que o professor tenha sucesso nos benefícios da leitura, é preciso despertar no seu aluno o gosto de ler. O professor precisa seduzir seus alunos proporcionando-lhes leituras atraentes, que agradem aos mesmos como se fosse um jogo. Ele, o educador, irá tentar de tudo para o sucesso do seu objetivo, para isso poderá promover sessões de leitura, que podem ter prioridade semanal ou quinzenal.

A seleção de texto criteriosamente escolhidos de acordo com o nível e os interesses da turma. Durante a sessão, ou após a sua realização, os alunos poderão preencher fixas especialmente elaboradas que terão os seguintes objetivos:

- compreensão do que foi ouvido;
- compreensão de aspectos pontuais do texto;
- verificação da capacidade de atenção;
- sua capacidade crítica será desenvolvida e avaliada.

A leitura é a mais ampla das atividades envolvidas num curso de língua. E qualquer que seja o ângulo especial por que encaramos - como processo de ensino e revisão do vocabulário ou como objetivo prático, educativo e até cultural, veremos que ela está sempre na base do aprendizado, como elemento indispensável ao rápido e eficiente domínio do idioma.

(CHAGAS 1979, p.251)

Para Valnir (1979), o ato de ler é como algo mais complexo que se, por um lado impõe o desenvolvimento de hábitos específicos, relacionados, sobretudo com os movimentos dos olhos, de outra parte, quem lê o faz para um fim determinado, exige uma adaptação de técnica empregada aos propósitos reais do leitor.

Várias são as funções da leitura nos cursos de língua. No primeiro período, quando predomina o objetivo imediato de formar um núcleo vocabular que habilite o estudante a entender e mesmo transmitir idéias simples, oralmente ou por escrito, ela sugere ora como processo de ensino de significados, ora como recurso de treinamento da pronúncia. No segundo período a lição de leitura tem a finalidade de infundir o hábito de ler.

A leitura possui o mais eficiente processo de transmissão e revisão do vocabulário em seu triplo aspecto semântico, gráfico e mesmo prosódico.

A leitura é insubstituível, porque inclui novas palavras, desde a sua primeira apresentação em contatos amplos que se definem em conexão com outros vocábulos e, ao mesmo tempo, esclarece pouco a pouco os seus vários sentidos e acepções, tão sutis que de outro modo não poderiam jamais ser configurados.

Como se vê, a palavra e a frase – tal como a frase e o parágrafo, o parágrafo e a passagem lida, esta e o capítulo, o capítulo e todo um livro – são termos claramente correlacionados. Se a frase não é uma simples

justaposição de vocábulos, também o parágrafo está longe de ser mera soma de sentenças, o capítulo é mais do que a reunião quantitativa de parágrafos ou páginas e só pode ser efetivamente entendida em função de toda a obra. Neste sentido, o problema do vocabulário longe está de reduzir-se a uma questão de palavras isoladas que valham por si mesmas. E só a leitura, a leitura que gradualmente se amplia em extensão a profundidade, só ela dará solução adequada a muitas dificuldades que se suscitem continuamente em torno do seu estudo. CHAGAS (1979, p.257)

A leitura é o passo inicial de relacionamento do símbolo gráfico com a pronúncia e o significado, sem a leitura é impossível o treinamento da pronúncia, pois toda palavra deve primeiro ser ouvida e entendida pelo aluno e depois articulada corretamente. A leitura não se presta ao ensino da pronúncia, mais é de grande utilidade para seu treinamento, para a repetição dos sons em combinação com as letras e os significados.

O educador deve se preocupar em ler com entusiasmo para seus alunos, pois todos procurarão imita-lo, lerão com tanto êxito que eles se surpreenderão.

A leitura é muito importante para o ensino da gramática, pois é de lá que se retiram os elementos indispensáveis à sistematização dos fenômenos lingüísticos.

A prática da leitura proporcionará ao leitor compreensão, rapidez, assimilação do vocabulário, conversação, composição e até pronúncia adequada. Conduzirá naturalmente o leitor, desde cedo, a ler e a compreender o idioma que lhe é ensinado. Afinal de contas, como dizia os criadores do "reading method", lendo é que se aprende a ler. Hoje, porém, estamos convencidos de que isto ainda não basta, as atividades escolares precisam desenvolver no aluno a capacidade de reflexão, o espírito de observação e o senso de iniciativa, expressos em bons hábitos de estudo e pesquisa para que o aluno receba melhor os benefícios da leitura.

O autor Coleman diz que "leitura é a habilidade para ler a língua com facilidade e prazer". O mestre deve não somente ajudar a falar e escrever como, ao mesmo tempo, o escolar deve ser capaz de ler e ler bem, as obras de cunho técnico, informativo ou literário que lhe venham às mãos. Disporá mais tarde, quando homem dedicado ao trabalho ou as relações sociais mais intensas, a leitura o levará para um continuo aperfeiçoamento, qualquer que seja o campo especial em que atue. A leitura como objetivo educativo e cultural, será indispensável para o aluno ao

conhecimento da história e das instituições do país estrangeiro e o melhor avaliação de seu papel na sociedade, o fará conhecedor de padrões e tradições de outros povos e compatriotas nascidos ou radicados em outras terras.

A leitura se apresenta como fonte subsidiária de outras formas de maior precisão, inclusive a coleta de informações. Desenvolve rapidez e conduz naturalmente as boas técnicas de “ler pensamentos”, ou seja, capacidade de interpretação bem desenvolvida. Essa agilidade serve também para produção de resumos, pois permite maior abstração diante da rapidez de percepção e a segurança de compreensão, levando a simplificação dos aspectos abordados num texto.

Na prática corriqueira diariamente as pessoa que se valem das línguas em suas atividades comuns são levadas a ler para observarem indicações das mais variadas procedências. Na escola é que se deve exercitar a leitura com este propósito, a fim de que mais tarde, a falta de uma boa experiência nesse particular, não fique o leitor desorientado, nem sofra os percalços daquele indivíduo, a que se referem Bond e Bond (p.11), “cujo pastel nunca ia ao forno, cujo aparelho nunca pode ser construído e cuja tinta, forte ou fraca demais, nunca atingiu o matiz por ele desejado...”

As próprias tarefas escolares, em muitos casos, exigem a rigorosa observância de instruções concernentes à sua execução.

O estabelecimento de comparações provem também da leitura. Com referência a um dado trecho do texto visa á percepção de semelhanças ou diferenças entre duas ou mais fontes consultadas. Como acentua Claparede (p.12), “diferente ou semelhante significa tão somente que dois objetos são diferentes ou semelhantes quanto à ação que se deve executar ante a circunstância de um momento considerado”.

A leitura também é usada para tirar conclusões próprias, esse tipo de leitura se faz na escola como na vida prática. Ela é usada para formular julgamentos. O educando tendo um senso crítico poderá discernir as afirmações de fatos comprovados das simples expressões de sentimentos ou de opiniões pessoais sutilmente disfarçadas como verdades incontestáveis.

Uma das mais constantes preocupações dos educadores, para desenvolver uma boa leitura oral, deve consistir em procurar vencer a natural reserva do estudante adolescente, explorando a tendência que todos têm para buscar a

aprovação do grupo, evitando os fracassos que geram sentimentos de frustração, não raro insuperáveis.

Para Ivonne (1972) os benefícios da leitura são diversos, porém destacam-se:

- gosto pela leitura;
- formulação de bons hábitos de leitura, de saber segurar o livro, passar suas paginas até organização de pensamento;
- enriquecimento do vocabulário;
- desenvolvimento das habilidades de compreensão.

Assim o aluno irá descobrir:

- a idéia principal do trecho;
- por menores da leitura;
- seqüência de acontecimentos;
- fazer inferências.

A leitura assume, pois um caráter de direção, preparando a criança para os ajustamentos de todos os dias.

Cabe ao educador incluir a prática da leitura todos os dias em suas aulas diárias separando assim, alguns minutos diários para a prática da leitura. Para que os benefícios cheguem até o aluno é necessário que haja colaboração das partes envolvidas.

Sem sombra de dúvidas os maiores benefícios provenientes do hábito de ler é a informação e o prazer proporcionado pelas histórias.

A importância das histórias de fadas cultivadas na infância é primordial na vida adulta por oportunizar a elaboração dos próprios conceitos e resolução de conflitos mais intrínsecos.

Segundo, a especialista em arte-educação infantil, Dias “A fantasia dos contos dá asas à imaginação e proporciona a descoberta de meios para se defender na vida real”.

4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS - SUA FUNÇÃO E PREPARO

Um dos fatores mais importantes na arte de contar histórias é a capacidade que se possa ter de utilizar a própria experiência de vida como recurso para dar aos personagens e às situações que esses vivem. Para isso, o hábito de recorrer à memória é primordial.

O encantamento da frase “era uma vez” ecoa na memória de todos os felizardos, que assim como eu tiveram momentos reservados para ouvirem histórias, seja pela professora, pelos irmãos mais velhos, avós ou pais, o certo é que ficou na memória o prazer proporcionado por cada repetição. Também é possível dizer, que de tudo o que aprendemos na infância, nada foi tão valioso quanto conhecer a trajetória dos príncipes, princesas, órfãos, bruxas, fadas, meninos pobres, dragões... todos nos deixaram ensinamentos que permanecem até hoje. Pois para Catherine Zarcate, contadora francesa, “um conto ensina o que deve ser um ser humano. Ele ensina a trajetória de um ser humano em direção ao conhecimento de si mesmo, em direção à evolução”.

Pierre Lafforgue, psiquiatra infantil, diz: “a prática do conto vai deixar no psiquismo da criança traços interiorizados, eventualmente reutilizáveis em situações conflitantes ou angustiantes da mesma estrutura”.

É com essa boa lembrança que podemos sugerir a prática de contar história como principal atividade escolar diária. Para isso se faz necessário prender a atenção das crianças que estão acostumadas com imagens atraentes e movimentadas da televisão.

Proporcionar o prazer de ouvir e criar imagens a partir do que lhe chega apenas pelos ouvidos, é uma das funções do professor contador de histórias. Para que isso seja possível, o contador tem que usar outros artifícios para seduzir e encantar. Um deles é o espaço físico, que não deve ser a sala de aula o tempo todo. Se a escola não dispuser de uma sala, ou uma área na biblioteca, que possa ser destinada às sessões de conto, seria interessante reservar um cantinho da própria sala e organiza-lo para que fique o mais aconchegante e convidativo o possível.

Nesse espaço o contador poderá dispor de tapete, almofadas no chão, objetos curiosos e tudo que possa estimular a imaginação. Usar um baú ou mala cheia de objetos que poderão ser coadjuvantes no conto e/ou da criação da história. Também, se possível, ter alguns instrumentos musicais, como cuias de coco, pau-de-chuva, chocalho, tambor, tampas..., para serem utilizados em determinados momentos da história marcando-os com ritmo, e/ou simplesmente enfatizando para melhor apresentação.

Outro aspecto importante é que o contador esteja vestido de forma diferente na hora de contar a história. Isso pode causar maior impacto e ser um atrativo valioso para o momento. As indumentárias, por mais simples que sejam ajudam a entrar na atmosfera da fantasia.

4.1 A preparação do conto e do contador

Para Gislayne Avelar Matos, a arte de contar envolve três elementos numa relação dinâmica: o contador, o ouvinte e o conto. “O contador deve preparar o conto e preparar-se para ‘dar’ o conto, e o ouvinte deve ser preparado para ‘receber’ o conto. Emoção, vínculo, troca, percepção do outro são condições indispensáveis para que o conto ‘aconteça”.

Preparar o conto é tornar possível na transmissão oral uma produção escrita, e isso não significa apenas “memorização”. Quando se trabalha com um conto recolhido no repertório escrito é necessário, antes de tudo, abstrair-se da forma literária e do estilo, tão preciosos na linguagem escrita e fonte de prazer para o leitor, mas insuficiente para o prazer do ouvinte.

4.1.1 Preparação do conto

4.1.1.1 Decolar-se do texto escrito

Contar não é recitar. Como diz Suzana Azquinez, contadora profissional, “não se escreve com a boca”. Ao ler um conto, com a intenção de transportá-lo para

a transmissão oral, o primeiro ponto importante é extrair a trama, ou seja formular um esqueleto ou estrutura básica do texto escolhido.

Trata-se de pontuar o essencial, a seqüência resumida dos fatos que dão sentido ao conto. Cabe ao contador encontrar sua forma de trabalhar na memorização da estrutura.

- palavras chaves para lembrar cada etapa;
- desenhos;
- contar a si mesmo, ou a outro, a seqüência;
- fazer cartaz com as palavras chaves e fixá-lo em um ponto estratégico, de forma que a platéia não tenha acesso visual.

Tomemos como exemplo o clássico 'Chapeuzinho vermelho':

Situação inicial: mãe e filha em casa.

Proposta: Chapeuzinho deve levar doces à vovó.

Advertência: Tomar caminho do rio.

Eventos dramáticos: encontro com o lobo/sugestão de outro caminho.

Situação final: dialogo entre Chapeuzinho e o Lobo/ Chegada do caçador.

A estrutura do conto não pode ser quebrada para que não se perca sua essência, essa é a causa de contos tão antigos serem recontados até hoje sem perder a originalidade, o fato de sua estrutura ter sido mantida na voz dos criadores e contadores que o levaram de geração a geração sem perder seu sentido com o passar dos tempos.

4.1.1.2 O trabalho do poeta

Manter o esqueleto é primordial, porém revestir o conto é de suma importância para que se crie a imagem perfeita do que se está falando. Despertando as sensações, buscando na memória do ouvinte a imagem adequada.

- Visualização do personagem:
 - como o vejo fisicamente?
 - como ele se veste?

-quais suas características psicológicas?

- Como são os espaços por onde circulam os personagens:

-como são as paredes da casa, os móveis, o chão dentro e fora da casa?

-como são os cheiros desse lugar, as cores, a ventilação?

A palavra do conto é a palavra que sugere e com sutileza, aciona no ouvinte a imaginação dele próprio. Portanto, todo esse trabalho tem por objetivo ajudar a tirar o conto do papel e colocá-lo no mundo da fantasia do próprio ouvinte.

4.1.1.3 O outro trabalho do poeta

Escolher as palavras, as melhores frases para contar ao ouvinte dessa aventura que o herói vive, e que pôde viver com ele enquanto o acompanhava em sua trajetória.

Se na etapa anterior nos apropriamos das emoções, aqui nos apropriamos das palavras. Mudar a palavra, frase, incluir um provérbio, um dito popular, uma bela metáfora, só é preciso cuidado com o vocábulo apropriado e a correção nas concordâncias.

4.1.1.4 Dar vida às palavras

Entonação, inflexão e ritmo darão vida às palavras. Fazer exercícios de respiração, usar o silêncio quando for preciso. A voz é um fator importante para abrir espaço na imaginação do ouvinte, as palavras bem colocadas irão contribuir para dar vida ao conto.

4.1.2 Preparação do contador

Porém todos os artifícios se não utilizados de forma adequada acabam por matar o melhor do conto. O contador é o principal recurso, e como tal deve usufruir de alguns itens que são indispensáveis na arte de contar.

4.1.2.1 Ritmo

Variar o tom, mudar a voz imitando os personagens quebra a monotonia. Abaixar a voz e falar lentamente, e em seguida aumentar a voz e o ritmo dependendo da personagem na história, dá vida ao que se narra. Um bom exercício é experimentar a própria voz de todas as formas, descobrir os sons que se pode produzir com o próprio corpo. Observar os sons de animais, objetos e até os naturais como vento..., e tentar imitá-los para uma apresentação agradável e sem reservas.

4.1.2.2 Expressão

Conhecer no próprio rosto e corpo as expressões que definem sentimentos. A expressão está ligada à energia e é traduzida em gestos, coisa, ocupação do espaço com o próprio corpo. Usar as mãos, braços, o jeito de se deslocar no espaço imitando o estado de espírito do personagem, o jeito de falar, a expressão facial a entonação de voz, e todos os recursos que o personagem pedir.

4.1.2.3 Energia

A energia é a vida da história. O contador que utiliza de sua experiência de vida para falar dos sentimentos dos personagens, descrever os lugares, dá vida àquilo que narra, pois não estará repetindo palavras vazias, mas carregadas de experiência. O melhor exercício para isso, é buscar na memória as situações já vivenciadas de medo, angústia, tristeza, alegria, prazer, espanto. Recordar também, das expressões que definem caráter, como mesquinho, o corajoso, o fofoqueiro, o gentil e outros.

4.1.2.4 Poder

O poder está na capacidade de “seduzir” o ouvinte, de prender sua atenção, de encantá-lo. Usar do que for necessário para isso. O ritmo bem dosado, a energia, a expressão, os gestos precisos trazem poder ao contador, o poder de captar a atenção do ouvinte e compartilhar com ele os momentos da história.

O poder, segundo Gislayne Avelar Matos (apostila do contador de histórias - AESCO), “é em suma, a capacidade de conduzir o outro numa viagem ao imaginário. Para isso, é necessário que haja prazer. O contador precisa sentir prazer ao contar. Se não há prazer, mo conto não acontece”.

4.1.2.5 Memorização

Para memorizar uma história é necessário, primeiro, criar as imagens internamente. À medida que se escuta ou se lê uma história criam-se, mentalmente, como uma tela de cinema, essas imagens.

Também é necessário estar atento à estrutura da história: onde e como começa os personagens e suas buscas iniciais, o desenvolvimento que trata da trajetória dos personagens e o final.

4.1.2.6 Improvisação

Quando se tem a história memorizada, não há risco de esquecê-la. Se o contador está construindo internamente o que conta, à medida que conta, ele utilizará dos acontecimentos do momento para enriquecer sua história e ela sempre nova, sempre outra, embora seja a mesma.

Improvisar, na linguagem corrente, significa fazer algo que não estava organizado. Nesse sentido, improvisar é deixar acontecer em cena, sem nenhuma preparação prévia, uma criação pessoal que tenha qualidade, como se fizesse parte do “script”.

A primeira exigência da improvisação é a de sentir e agir de acordo com o momento. A técnica vem espontaneamente.

A improvisação é uma arte complexa e que consiste em associar o aleatório ao rigor.

Antes de improvisar, o contador deve sentir-se “vazio” e disponível em relação ao que poderá acontecer como imagens, impulsos, desejos e emoções. Para isso, é necessário aceitar o imaginário. Qualquer imagem pode ser um estímulo.

Pode-se, também, utilizar os fatores surpresa da platéia para incorporá-los no contexto do conto: um barulho, um espirro, um movimento repentino, um rosto que esboça um sorriso, um pigarro... incorporando-os como se fosse reação dos personagens da história.

Importante lembrar que o improviso não é aceitável em histórias previamente escritas, e/ou retiradas de livros, e sim para criações espontâneas no ato e momento do conto.

4.2 Roteiro para seleção de livros

Os livros que proporcionam prazer e despertem interesse do leitor/ouvinte, que reúnam qualidade literária e gráfica, valorizando o livro como objeto integral onde a edição, o texto e a imagem estejam efetivamente integrados.

Observar a qualidade literária, estando atento quanto a singularidade, riqueza e força expressiva da linguagem, o uso adequado da língua, aos regionalismos que deverão ser entendidos no contexto.

Em caso de poesias, considerar as obras capazes de tocar a sensibilidade do leitor/ouvinte, seja pela expressão da sensibilidade, pela riqueza de imagens ou pelo caráter lúdico. Poemas com uma linguagem sugestiva, em que a combinação ou o jogo das palavras criem associações novas, reveladoras de novas percepções. As que possuem ritmo, sonoridade, musicalidade na linguagem, com bom manejo de rima e da versificação, que explorem com originalidade figuras literárias, imagens, metáforas e comparações. Uma verdadeira poesia será lida com igual prazer tanto pelo adulto quanto por crianças, o poeta não “infantiliza” a linguagem para dar ênfase ao poema.

As fábulas exigem que o contador esteja atento se a história ou narrativa é emocionante e divertida, se os personagens evoluem através do desenvolvimento

da obra, sejam eles humanos, animais, objetos ou seres fantásticos. É necessário que a fábula desperte uma visão coerente do mundo em que se movem os seus personagens reais ou fantásticos. As histórias com manejo das seqüências temporais e de diversos elementos de ação, surpresa e humor, que mantenham a tensão no narrado, que surpreendam o leitor, mesmo em se tratando de temas já conhecidos e explorados e tragam o fator moral com sentido, para a aprendizagem.

Em caso de traduções, dar preferência as que se fazem diretamente das obras originais, que possuem adequação ao vocabulário e à sintaxe do português, apresentando uma linguagem fluida, permitindo uma compreensão global do que se lê, e levem a percepção da diversidade cultural dos povos pelos quais foram escritas.

As obras que eventualmente necessitarem de adaptações deve-se observar a conservação do sentido da obra original, pois não se pode mudar o corpo ou esqueleto do enredo, devem conter na capa ou folha de rosto o anúncio de se tratar de uma adaptação, com inclusão de prólogo em que explique os princípios e métodos de seu trabalho.

Os livros sem textos são valorizados quando dispensam qualquer explicação, sendo a imagem suficiente para expressar a história. Esses exemplares devem reunir originalidade na ilustração com técnica e acabamento, levando em consideração que não devem ser escolhidos somente pela ilustração colorida, e sim o todo do livro.

Os gibis com ilustração e roteiros originais, que apresentam harmonia entre texto e imagem e valorizam aspectos da linguagem entram nesse arsenal do contador de histórias.

A escolha de livros depende dos critérios particulares estabelecidos pelo contador de histórias e pela necessidade de uso para os alunos ou ouvintes. Em todo caso há exigências quanto à qualidade.

4.2.1 Qualidade Gráfica

A qualidade gráfica dos livros a serem escolhidos deve seguir os passos abaixo relacionados:

- boa diagramação, que não superponha texto e imagem e ocupe harmoniosamente o espaço da folha;
- livros bem concebidos do ponto de vista da produção técnica: com indicação bibliográfica, páginas numeradas, etc.;
- aqueles com capa atrativa (seja rústica ou elaborada, em branco e preto ou a cores), que remeta ao conteúdo do livro;
- aqueles com formato adequado, uma diagramação que facilite a leitura;
- aqueles com tipos legíveis, tanto pelo desenho da letra, como pelo seu tamanho;
- livros bem encadernados, preferivelmente costurados ou grampeados, que possam ser manuseados sem soltar as folhas;
- livros com bom papel, que permita apreciar as ilustrações (sobretudo no caso de livros com ilustrações coloridas) e evite as sombras no outro lado da página.

4.2.2 Qualidade de ilustração

Para uma boa escolha deve-se observar algumas características quanto a qualidade da ilustração apresentada no livro:

- aqueles que forem expressivas, originais, atrativas e lúdicas;
- as que se enlacem com elementos do texto e transmitam o clima e o sentido da obra sem retratar mecanicamente o texto;
- aquelas que expressam a destreza e o domínio que o ilustrador possui, independentemente da técnica utilizada (aquarela, lápis, colagem, grafite, guache, bordado, etc.) ou do estilo (realista, fantástico ou caricaturesco);
- aqueles em branco e preto ou a cores, mas realizadas com o sentido estético exigido pela obra;
- as que tenham personagens expressivas, de características particulares e diferenciadoras, descartando preconceitos;
- as que mantenham a coerência de cada personagem nas diferentes ocasiões ou episódios;

- as que deleitem os leitores e lhes permitam ampliar e enriquecer sua imaginação.

Dicas retiradas e adaptadas da apostila do contador de histórias- curso oferecido pela AESCO no ano de 2001 em Taguatinga Norte. Professoras Miriam e Simone.

O professor que conta histórias utilizando o corpo como recurso principal, reforçando o desejo pela leitura, fixando os prazeres que a literatura oferece, leva consigo a responsabilidade de propagar a cultura contida nas histórias de forma eficiente, despertando com isso, o gosto pela leitura. Esse sim, o contador, demonstra gostar de ler, atrai leitores mirins, pois como afirmam teóricos da aprendizagem as crianças imitam os adultos, para assim, aprenderem a ser adultos posteriormente.

A arte de contar histórias é uma arte que se conserva viva, na medida em que viabiliza pela palavra em sua condição mais simples, a oralidade, a memória do mundo. Resgata-la é nossa intenção enquanto produtores e ouvintes de histórias. Revitalizar a imagem do homem que contava história em uma roda. Retirar essa idéia de dentro para fora do baú, sacudindo a poeira de tempos perdidos ou encantamentos.

Esses são alguns dos aspectos importantes na arte de contar histórias. Contar história é semear sonhos, esperanças, ensinamentos. É alimentar a poesia, a imaginação, é inspirar o ouvinte a “ver com outros olhos”. É, sobretudo, ajudar a crescer, a ampliar alternativas para resolver dilemas, a escolher a ser autônomo: é nutrir a essência com grãos de sabedoria, palavras – sementes que poderão ficar adormecidas durante muitos anos, mas estarão prontas a germinar no momento certo. O momento em que apenas as boas lembranças, as boas palavras um dia ouvidas, poderão fazer face às dificuldades e guiar no caminho seu repertório, qual é a sua intenção ao contar, que valores e mensagens querem transmitir com as histórias e suas metáforas.

“Uma prática não se justifica por si mesma, mas pelas razões que a motivam”.

Moacir Gadotti

5 TÉCNICAS E RECURSOS PARA CONTAR HISTÓRIAS

O desafio contido nas situações lúdicas agiliza o pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações, por motivação intrínseca, conseguem.

Lidar com sentimentos aflitivos, mantendo o entusiasmo e perseverança diante dos desafios, aumenta a nossa capacidade de empatia e envolvimento com nossos semelhantes. Assim se estabelece uma sociedade de direitos individuais e de relações independentes. A arte de contar histórias, as brincadeiras e os jogos são exercícios prazerosos da administração da nossa realidade, através deles adquirimos autoconsciência, estabelecemos regras básicas de convivência e mudamos nós mesmos e a sociedade.

Quando contamos histórias para as crianças, auxiliamos no aprendizado de como lidar com suas pulsões em busca da satisfação de seus desejos. Vencendo as frustrações, ensinamos a agir estrategicamente diante das forças que operam no ambiente. Com alegria, estimulamos nelas o gosto pela vida, bem como a segurança e a confiança para enfrentar os desafios.

A fantasia contida nas histórias exercita habilidades essenciais ao desenvolvimento de nossas relações. Ao exercitar a capacidade de lidar os sentimentos e desafios que elas próprias despertam em nós, buscamos competência para administrar situações cotidianas com eficácia.

Trata-se do exercício de habilidades necessárias ao domínio e ao bom uso de nossa inteligência emocional. Nossa capacidade de encontrar formas de encaminhar o que queremos pode ser exercitada numa situação lúdica, aprendendo a compreender e a atuar nas situações mais diversas.

Nos tempos de grande velocidade as inovações tecnológicas e do intenso renascimento cultural, o indivíduo é a unidade básica de mudança. É ele quem administra a tecnologia num mundo de complexidades em que as relações são fundamentais para os bons resultados. O desenvolvimento pleno da pessoa para a vida passa por sua capacidade de lidar com seus sentimentos e elaborar suas experiências em busca de competência individual e em equipe.

A evolução psicológica da criança passa por estágios sucessivos e condiciona necessariamente sua educação.

Por meio de atividades lúdicas livres e dirigidas, educamos os movimentos e colocamos em jogo as funções intelectuais da criança, ao mesmo tempo em que ela desenvolve o conhecimento do próprio e da representação mental de forma recreativa.

A arte de contar histórias, à medida que ocasiona a participação ativa da criança, proporciona representações simbólicas, formação de conceitos, significados e as bases para o exercício de uma cidadania autônoma e cooperativa em vez do habitual posto de observadora que frequentemente lhe é reservado na sala de aula.

Ao contar histórias é oferecido a criança uma espécie de terapia no processo de socialização e convivência com os colegas, além de ajudá-la a:

- potencializar habilidades de comunicação e expressão;
- integrar-se no meio social;
- desenvolver o conhecimento mútuo e a participação grupal;
- desenvolver ocupação para o tempo ocioso;
- buscar a convivência com colegas da mesma idade;
- conscientizar-se do próprio esquema corporal;
- adquirir hábitos de relações interpessoais;
- desinibir-se e desbloquear a timidez;
- desenvolver a comunicação verbal e a não verbal;
- desenvolver e aprimorar os aspectos psicomotores, cognitivos e afetivos, facilitando o desenvolvimento intelectual.

Para tanto se faz necessário o uso de técnicas e recursos apropriados.

5.1 Marionetes

As marionetes encantam e fascinam as crianças. Embora sabendo que os bonecos não passam de fantasia sem vida própria, as crianças ficam encantadas

quando tais figuras adquirem vida mediante a habilidade e imaginação de quem as utiliza.

As autoras Judy e Sara (p.18, 1995) sugerem formas de manuseio das marionetes:

Os dez mandamentos da marionete

1. Entrarás e sairás caminhando.
2. Desempenharás o papel que te for encomendado.
3. Não permitirás que se veja a pessoa que te maneja.
4. Falarás movendo a mandíbula, e não a parte superior da boca.
5. Abrirás a boca em cada vogal.
6. Olharás para aquele com quem fala.
7. Observarás a quem te dirige a palavra.
8. Manterás boa postura.
9. Permanecerás vivo por meio de ações e reações.
10. Imitarás o ser que representas.

“Descrevemos os dez mandamentos da marionete com a finalidade de orientar o manejador. [...] o que deve ser feito para desempenhar-se um bom papel diante das crianças”.

Cada marionete deve ter uma personalidade e um nome. Elas podem expressar qualquer estado de ânimo com prática e destreza.

- O gozo se expressa batendo palmas, dando pulinhos ou movendo-se com animação.
- A dor se expressa baixando a cabeça da marionete. Quando a tristeza é muito profunda todo o corpo da marionete sacode com os soluços.
- A atenção que a marionete presta às palavras do dirigente fica demonstrada pondo-se a mão em forma de concha por trás do ouvido.
- O pensamento profundo se expressa com a marionete coçando a cabeça.
- Para responder de forma afirmativa move-se a cabeça de baixo para cima, ou se a resposta é negativa, a sacode da direita para a esquerda.

Não se deve mostrar as marionetes depois do programa. Embora a criança saiba que o boneco não é de verdade, ele tem certo mistério, e a criança gosta de imaginar que continua vivo.

5.2 Fantoques

Os fantoches são sempre excelentes estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitam a concretização das fantasias e a expressão dos mais íntimos e até desconhecidos sentimentos. Esses bonecos manipuláveis atraem a atenção e encantam a criança, proporcionando o prazer de dar vida e voz a animais e a bonecos.

O processo criativo que envolve a manipulação de fantoches estimula também o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, faz com que a criança aprenda a tomar decisões e a expressar-se.

“Quando as crianças brincam com os fantoches, extravasam emoções e manifestam sentimentos que talvez não se autorizem a expressar diretamente; quando os adultos os manipulam, têm em suas mãos um recurso mágico de fácil penetração no mundo infantil”.

HELENA (1995, p. 14)

5.3 Dedoches

Fantoches de dedo é o que se veste em um ou mais dedos. Geralmente são bonecos pequenos, fáceis de fazer e de movimentar, com figuras de animais ou pessoas confeccionados em tecido, tubos ou papel. Coloca-se os fantoches nas pontas dos dedos, pode-se usar em todos os dedos ao mesmo tempo, tendo o cuidado de inventar uma voz diferente para cada um dos personagens de acordo com a necessidade da história.

Os personagens criados adquirem movimentação e fala, poderão ser inventados pelas próprias crianças. Pode-se estabelecer diálogos entre os personagens da mão esquerda e da direita, esconder a mão atrás do livro e brincar de mostrar os fantoches.

Esse recurso possibilita o desenvolvimento do vocabulário, fluência verbal, criatividade, imaginação, dramatização, coordenação de movimentos finos (dissociação dos movimentos dos dedos).

5.4 Teatro de vara

Os bonecos de vara são movidos por hastes que o bonequeiro segura, de forma que suas mãos não aparecem. Essas hastes podem ser feitas de madeira (palito de sorvete, de churrasco ou pedaços de arame). Os bonecos podem ser feitos de cartolina, papel crepom, de sucata, de tecido ou papel articulado.

As apresentações podem ser feitas no palco, ou no teatro de sombras. Todo pode virar personagem, mais o melhor é aquele que a gente inventa recortando, colando, montando. Depois de confeccionado, é gostoso fazer o boneco se mexer, viver um milhão de aventuras, e criar uma voz para ele - fina, grossa, alegre, zangada e aí está pronto para ser o astro de uma peça de bonecos.

5.5 Teatro de sombras

O teatro de sombras está baseado em três elementos:

- Uma tela para projetar as sombras;
- Um foco de luz colocado atrás da tela;
- Silhuetas recortadas em papelão ou qualquer outro material.

A tela pode ser feita do fundo de uma caixa de onde tiramos a maior parte da superfície, deixando apenas uma moldura na qual se prenderá a tela, de papel de seda ou de tecido translúcido.

A luz pode ser de uma lanterna, de uma vela ou de uma lâmpada voltada para a tela.

Para produzir as sombras, utilizam-se figuras recortadas em cartolina e, para ter melhor efeito, podem-se fazer articulações que possibilitam.

Para dar colorido às sombras, corta-se a parte interna das figuras e cola-se papel celofane colorido. “Este tipo de teatrinho encanta as crianças pelo mistério representado pelas sombras que se movem”. HELENA (1995, p.16).

5.6 Origami

A arte de dobrar papel recebeu no Japão o nome de Origami, sendo praticado inicialmente como forma de recreação e, mais tarde, foram conhecidas suas qualidades educativas.

A dobradura representa papel importante no processo de ensino-aprendizagem por estimular a atenção, concentração e criatividade. Além de promover a coordenação viso-motora, auxilia também no desenvolvimento da linguagem, já que a criança verbaliza tudo o que pratica.

O valor pedagógico da dobradura está amplamente compreendido por ser um recurso didático bastante acessível, pois pode ser usado qualquer tipo de papel, desde que possa ser dobrado facilmente. “(...) podemos criar dobraduras, contando histórias e criar histórias com dobraduras”. SEVERINA (2000, p. 12).

5.7 Avental chinês

Um dos recursos mais completos e de fácil manipulação é o avental chinês. Esse possui bolsos onde são guardados os personagens da história a ser contada, que vão sendo tirados conforme o enredo. Geralmente o avental é feito de feltro e os personagens, que podem ser feitos de feltro, de emborrachado ou qualquer outro material, recebem pedaços de velcro no verso para serem fixados no avental.

5.8 Luvas

As luvas de conto são ideais para histórias com cinco personagens, para que cada um fique em um dedo. Por exemplo, os três porquinhos, que tem três porcos, um lobo e a casa; chapeuzinho vermelho tem a chapeuzinho, o caminho, o lobo, a vovó e o caçador.

Confeccionada em feltro com os personagens colados em cada dedo. A luva deve ser utilizada, preferencialmente, em locais onde a platéia seja pequena e fique próxima ao contador.

5.9 Colagens

Para contar histórias qualquer recurso pode ser utilizado, principalmente quando a história for por improvisação. Recortes e colagens podem garantir o sucesso de uma nova criação. Pode-se caracterizar o personagem com colagens ou com desenhos.

Permita que as crianças digam o que lhes vem à cabeça e mostrem que os acontecimentos podem ser percebidos de maneiras diferentes. Depois pode escrever as escrever o que cada um diz, ou até mesmo montar uma história em grupo.

5.10 Sucatas

Sucata é tudo aquilo que pode ser reaproveitado, e que a gente encontra facilmente: caixinhas vazias, copinhos descartáveis, palitos, tampinhas, botões velhos, pedaços de tecidos. Todas essas matérias-primas disponíveis ajudarão o professor a construir os recursos que possam proporcionar maior número de descobertas e experiências às crianças, além de enriquecer e facilitar o trabalho.

Para confeccionar materiais com sucata alguns aspectos devem ser considerados:

- a coleta da sucata;
- a limpeza do material;
- armazenamento das peças.

5.11 Massinha

Feitos de farinha de trigo, óleo, sal, anilina ou tinta, os bonecos de massinha dão um aspecto criativo ao conto, remetendo-lhe as primeiras produções no seio escolar. Permitem a exploração livre do material, bem como a modificação da

consistência e da textura da massa juntando a ela outros materiais: areia, cereais, sementes, etc.

Facilita o desenvolvimento da coordenação motora ampla das duas mãos, a discriminação tátil, ações exploratórias e a criatividade.

Para contar histórias com bonecos de massinha deve-se procurar atender a platéias menores para melhor visualização dos personagens.

5.12 Indumentárias

Alguns objetos podem ser usados para estimular o jogo simbólico, enriquecendo o “faz-de-conta”, facilitando a representação: paletós, gravatas, colares, brincos, pulseiras, capacetes, perucas, vestidos, sapatos, bolsas, chapéus, máscaras, bigodes, lenços, xales, fantasias de bichos e maquiagens são excelentes elementos de apoio para a fantasia. Os objetos que sugerem determinadas profissões são também fundamentais, pois facilitam o processo de busca de identificação.

Para guardar as peças indica-se o uso de um baú, principalmente se o contador tiver um lugar específico para a prática do conto.

5.13 Livros

A escolha dos livros deve ser minuciosa, dando preferência aos textos de boa qualidade. Sugere-se os seguintes procedimentos:

- prefira histórias curtas e com temas profundos que interessam sem cansar;
- boa diagramação, que não superponha texto e imagem e ocupe harmoniosamente o espaço da folha;
- bem concebidos do ponto de vista da produção técnica: com indicação bibliográfica, páginas numeradas, etc.;
- aqueles com capa atrativa (seja rústica ou elaborada, em branco e preto ou a cores), que remeta ao conteúdo do livro;

- aqueles com formato adequado, uma diagramação que facilite a leitura;
- aqueles com tipos legíveis, tanto pelo desenho da letra, como pelo seu tamanho;
- bem encadernados, preferivelmente costurados ou grampeados, que possam ser manuseados sem soltar as folhas;
- com bom papel, que permita apreciar as ilustrações (sobretudo no caso de livros com ilustrações coloridas) e evite as sombras no outro lado da página.
- aqueles que forem expressivas, originais, atrativas e lúdicas;
- os que se enlacem com elementos do texto e transmitam o clima e o sentido da obra sem retratar mecanicamente o texto;
- aqueles que expressam a destreza e o domínio que o ilustrador possui, independentemente da técnica utilizada (aquarela, lápis, colagem, grafite, guache, bordado, etc.) ou do estilo (realista, fantástico ou caricaturesco);
- aqueles em branco e preto ou a cores, mas realizadas com o sentido estético exigido pela obra;
- os que tenham personagens expressivas, de características particulares e diferenciadoras, descartando preconceitos;
- os que mantenham a coerência de cada personagem nas diferentes ocasiões ou episódios;
- os que deleitem os leitores e lhes permitam ampliar e enriquecer sua imaginação.

5.14 Fantoche de meia

Para a confecção desse recurso é necessário que se tenha em mãos tesoura, agulha, linha, lã, pedaço de papelão, tecido (para fazer a roupa) e a meia. Com a meia é possível fazer desde cobras, que são os fantoches mais simples, a rostos e personagens variados. As próprias crianças podem fazer os personagens das histórias sejam impressas ou improvisadas, possibilitando criatividade e divertimento.

5.15 Instrumento

Segundo Platão, a música é um bem moral. Dá alma ao universo, asa à imaginação, encanto à tristeza e enche tudo de vida e alegria. É a essência da ordem e conduz tudo aquilo que é bom, justo e belo, do qual é forma apaixonada e eterna, deslumbrante, ainda que invencível (...).

O uso de instrumentos no conto permite a marcação de eventuais casos, bem como a introdução de ritmos na história para dar maior ênfase. Os instrumentos em geral, permitem a discriminação de sons, a percepção e reprodução de variações rítmicas, comparação e classificação dos sons, desenvolvimento do ritmo, autodomínio, coordenação motora, atenção e concentração.

Alguns instrumentos de sucatas facilitaram o trabalho do contador de histórias:

5.15.1 Chocalho de tampinhas

Materiais – um pedaço de madeira, tampinhas metálicas de garrafa e pregos.

Confecção - com um prego, faça um furo no centro de todas as tampinhas, depois pegue-as na madeira de forma que fiquem folgadas o suficiente para que possam emitir som ao serem chacoalhadas. Deixe um pedaço de madeira livre para servir de cabo.

5.15.2 Chocalho de copo

Materiais – copinhos de iogurte, grãos diversos, pedras pequenas, areia, etc.

Confecção – em um copo, coloque a quantidade ideal para produzir a intensidade do som desejado. Tampe com o outro copo de boca virada, cole ou passe fita adesiva nas bordas, Se quiser, decore com papéis coloridos. Pode-se misturar diferentes materiais: grãos com areia, areis com pedras, etc. Se preferir use latas de refrigerante, vedando-as com fita adesiva.

5.15.3 Chocalho de alça

Materiais – cabo de vassoura, arame, tampinhas.

Confecção – serre um pedaço de 15 cm do cabo de vassoura. Nas extremidades faça um sulco para prender um pedaço de arame. Introduza tampinhas amassadas e furadas no arame e prenda-o no cabo de vassoura.

5.15.4 Caixas sonoras

Material – caixas de fósforo ou similares, de preferência do mesmo tamanho, fita adesiva, grãos, areia, pedras, preguinhos, botões etc.

Confecção – coloque dentro das caixinhas o material que desejar, dentre os citados. Varie os sons de acordo com os pares, identificados pela decoração das caixas. Lacre com fita adesiva. Caso prefira, pode substituir as caixas por rolos de papel higiênico, vedando-os nas laterais.

5.15.5 Pauzinho de rumba

Material – cabo de vassoura, serrote, tintas, pincel.

Confecção – serre dois pedaços de cabo de vassoura, na medida de 20 cm, pinte-os com tinta de cores vivas.

5.15.6 Lixas

Material – pedaços de madeira, lixa grossa, .cola.

Confecção – corte dois retângulos de madeira. Cole um pedaço de lixa em cada um dos retângulos para serem friccionados um no outro.

5.15.7 Reco-reco (1)

Material – cabo de vassoura, serrote, vareta de churrasco.

Confecção – corte o de cabo de vassoura, na medida de 30 cm, faça sulcos paralelos em sentido transversal ao comprimento, com pequenas distâncias entre si, mas suficientemente profundas para que, ao roçar a vareta, emita som de” reco-reco.”

5.15.8 Reco-reco (2)

Material – cabo de vassoura, serrote, cola e vareta.

Confecção – corte o cabo de vassoura, na medida de 15 cm. Cole os pedaços uns aos outros e produza o som friccionando com uma vareta.

5.15.9 Reco-reco (3)

Material – uma caixa de papelão, um pedaço de papelão ondulado do tamanho da parte de mais larga da caixa, fita adesiva, uma vareta.

Confecção – cobrir a face aberta da caixa com o papelão ondulado, deixando dobrar para os lados no sentido longitudinal. Prender a volta com a fita adesiva.

5.15.10 Pandeiro

Material – caixa redonda de queijo, 12 tampinhas de lata amassadas, quatro pedaços de arame de 5 cm.

Confecção – fazer quatro cortes horizontais opostos de 5 x 1 cm na face lateral de um das partes da caixa. Enfiar três tampas em cada arame e encaixar nos vãos da caixa, prendendo-os num furo acima e abaixo do centro do vão.

5.15.11 Tambor

Material – uma lata redonda, pedaços de papel vegetal, duas canetas sem carga, algodão.

Confecção – colocar a lata sobre o papel vegetal e riscar em torno, deixando uma margem de 4 cm. Recortar o círculo de papel, cola-lo sobre a boca da lata, bem esticado, virar as bordas sobre a lata e prende-las com fita adesiva. Envolver as pontas das duas canetas, individualmente, com o algodão, passando a fita em espiral para ficar bem firme.

5.15.12 Marimba

Material – cinco latas de tamanhos diferentes sem as tampas, fita adesiva, uma vareta.

Confecção – juntar as latas, duas a duas, passando fita adesiva em torno delas para prender. Juntar depois os pares e passar a fita adesiva ao redor de todas, dando duas voltas para ficarem bem firmes. Virar as latas para utilizá-las como tambor.

5.15.13 Conguê

Material – duas metades de coco, lixa para madeira, tinta, cordão.

Confecção – Lixar as partes internas do coco e pinta-las com tintas de cores vivas. Fazer um buraco na borda de cada metade e amarrar uma ponta do cordão em cada uma.

5.15.14 Platinelas

Material – 12 tampinhas de tampinhas de ferro, um prego grosso, uma barra de madeira e 12 pregos finos de 5 cm.

Confecção – fazer um buraco no centro das tampinhas com o prego grosso. Juntar, duas a duas, passando o prego pelo centro. Martelar cada prego com as tampinhas na barra de madeira, o suficiente para prender o prego, deixando as tampinhas soltas.

5.15.15 Pau-de-chuva

Material – um cano de um metro de comprimento, palitos de dente, arroz, um prego ou sovela, fita adesiva.

Confecção – fure varias vezes o cano com o prego quente ou com a sovela, de forma que os palitos atravessem de um lado para o outro, tampe os buracos colocando os palitos de dente, tampe uma das extremidades, coloque o arroz e tampe a outra extremidade. Para obter o barulho da chuva vire aos poucos o cano.

6 PROPOSTAS DE ATIVIDADES APÓS A LEITURA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais assumem uma concepção da aprendizagem como construção, e um modelo de ensino por resolução de problemas. Por essa ótica, o texto “mal escrito” aparece como um objeto sobre o qual os alunos podem pensar. Podem tentar melhorá-lo com a ajuda do professor e, fazendo isso, vão se tornando mais competentes, tanto para produzir textos melhores como para desenvolver um olhar crítico sobre sua própria produção textual.

Para compreender como melhor realizar atividades pertinentes a diferentes textos, vamos tratar da análise de um texto. É uma forma de ajudar os professores a construir uma prática consistente de atividades e variações das mesmas, conforme a necessidade geral de sua turma ou em determinado grupo de crianças ao se trabalhar em laboratórios de aprendizagem; atividade esta obrigatória em Escola Pública no GDF.

Um espaço em sala de aula, privilegiado de articulação das práticas de leitura, produção escrita de reflexão sobre a língua (e mesmo de comparação entre linguagem oral e escrita; linguagem regional e linguagem culta/ popular) é o das atividades de revisão de texto.

A revisão de texto, como situação didática, exige que o professor selecione em quais aspectos pretende que os alunos se concentrem de cada vez, pois não é possível tratar de todos aspectos contextuais ao mesmo tempo.

Durante a atividade de revisão, os alunos e o professor “debruçam-se” sobre o texto buscando melhorá-lo. Para tanto, precisam aprender a detectar os pontos onde o que está dito não é o que se pretendia, isto é, identificar os problemas do texto e aplicar os conhecimentos sobre a língua para resolvê-los: acrescentando, retirando, deslocando ou transformando porções do texto, com o objetivo de torná-lo mais legível para o leitor. O que pode significar tanto torná-lo mais claro e compreensível quanto mais bonito, agradável e relacionado com a vivência do aluno, melhor de sentir-se atraído para a leitura, ou ato de ler. Esse procedimento – parte integrante do próprio ato de escrever – é aprendido por meio da participação do

aluno em situações coletivas de revisão do texto escrito, bem como em atividades realizadas em parceria, e sob a orientação do professor, que permitem e exigem uma reflexão sobre a organização das idéias, os procedimentos de coesão utilizados, a ortografia, a pontuação etc. Essas situações, nas quais são trabalhadas as questões que surgem na produção, dão origem a um tipo de conhecimento que precisa ir se incorporando progressivamente à atividade de escrita, para melhorar sua qualidade. Ou bem se foca a atenção na coerência da apresentação do conteúdo, nos aspectos para revisar, é possível, ao fim da tarefa, sistematizar os resultados do trabalho coletivo e devolvê-lo organizadamente ao grupo de alunos.

Dessa perspectiva, a revisão de texto seria uma espécie de controle de qualidade da produção necessário desde o planejamento e ao longo do processo de redação e não somente após a finalização do produto.

Para os escritores iniciantes, assim mesmo, esta pode ser uma tarefa complexa, pois requer distanciamento do próprio texto, procedimento difícil especialmente para crianças pequenas. Nesse caso é interessante utilizar textos alheios para serem analisados coletivamente, ocasião em que o professor pode desempenhar um importante papel de modelo de revisor, colocando boas questões para serem analisadas e dirigindo o olhar dos alunos para problemas a serem resolvidos.

Quer seja com toda a classe, quer seja em pequenos grupos, a discussão sobre os textos alheios e próprios, além do objetivo imediato de buscar a eficácia e a correção da escrita, tem objetivos pedagógicos importantes: o desenvolvimento e a aprendizagem de procedimentos eficientes para impelir qualidade aos textos:

- possibilitar que o aluno ponha em jogo seus conhecimentos lingüísticos acerca da linguagem que se escreve em relação ao texto que se está revisando;
- possibilitar a reflexão sobre os aspectos relacionados à organização do discurso escrito e do conhecimento lingüísticos de que os alunos dispõem;
- possibilitar que na atividade de revisão o aluno se coloque na perspectiva de analista do texto para melhorá-lo, modificar, substituir, suprimir, recordar partes do texto.

Principais desafios colocados para os alunos:

- revisar coletivamente um texto tendo como foco o discurso;
- colocar-se no papel de leitor e ser capaz de substituir, retirar ou modificar o texto a fim de melhorá-lo.

6.2 Procedimentos didáticos

Os alunos precisam:

- conhecer o texto fonte, que deu origem ao que está sendo revisado;
- oferecer sua contribuição coordenando as diferentes idéias, tendo em vista um acordo sobre a forma final;
- esperar sua vez de falar.

O professor precisa:

- identificar aspectos que precisam ser melhorados como repetições, falta de informações, necessidade de substituições etc.;
- organizar o espaço e o agrupamento tendo em vista um trabalho coletivo;
- orientar os alunos quanto à participação: cada um terá sua vez de falar e todos devem trazer suas contribuições;
- informar aos alunos que a revisão será feita por partes e em mais de uma aula, se for preciso;
- ler o trecho a ser revisado para que os alunos possam perceber o que precisa ser melhorado;
- ler o texto revisado para que possam observar se está bom ou se é necessário acrescentar ou retirar mais alguma coisa.

6.3 Revisão de texto

Revisão do texto “A lenda dos diamantes”

RELATÓRIO REFLEXIVO

Antes de iniciar a leitura do registro da professora Rosalinda, vale esclarecer que todo o trabalho de revisão do texto “A lenda dos diamantes ” faz parte de um projeto que prevê como produto final um livro contendo as lendas preferidas da turma.

Hoje já se sabe que “os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada [...] e quando há leitores de fato para a escrita dos alunos, a necessidade de revisão e de cuidado com o trabalho se impõe[...]”

No interior de um projeto, a revisão deixa de ser uma prática isolada, sem qualquer sentido, e passa a ter significado, favorecendo, assim, uma atitude mais intencional e ativa dos alunos no desenvolvimento de seus procedimentos de revisão.

Texto produzido em 21 de Agosto de 2000 pelos alunos Renato, Wilker e Johnny.

*Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua portuguesa, 1º a 4º série, MEC/SEF, 1997.

“Numa tribo havia dois jovens o guerreiro itagibá e a formosa Potira eles se amavam tanto numa certa lua inirão suas aumas num ritua de amor tudo ficava bem ce a guerra chamasse os homens da tribo mulheres meninas e meninos forão sidispidindo dos homens numa tarde surgiu a canoa que levava itagibá cheia de indio que não dava ver a figura do seu amado os indios abacharão a cabeça in sinal de respeito e chorou toda sua dor o deus tupã nunca viu um amor tão grande e verdadeiro de uma india por um indio ele tranfanmo as lacrima da potira em diamantes ”

Depois de ler, reler e pensar muito sobre esse texto, a professora resolveu discutir com a classe se estaria completo, se haviam escrito a lenda inteira, se precisaria melhorar alguma coisa, pois o mesmo faria parte do livro de lendas.

Antes de pedir que lessem juntos, a professora colocou o texto na lousa com a ortografia corrigida por ela, pois não desejava que seus alunos discutissem a

ortografia e sim se o texto estava completo, fácil de entender e agradável de ler. Em 24/08/00 resultado da 1ª revisão feita pela professora.

Na primeira leitura algumas crianças disseram que faltava contar mais sobre o amor dos dois. Sugeri então que lessem esse trecho e dissessem até onde estava escrito sobre o amor dos dois. Disseram que até o “ritual do amor”. Circulou então esse trecho e pediu que observassem se estava claro para o leitor que eles, o casal de índios, se amavam muito. Os alunos disseram que sim e continuaram.

Leram o trecho que falava da guerra. Alguns alunos queriam que aparecesse no texto que a guerra era em território vizinho, mas a maioria não concordou em acrescentar essa informação.

Continuavam a leitura, relata a professora, que achou muito interessante quando todos perceberam que faltava o pedaço em que Potira ficava esperando Itagibá. Uma aluna que se encontra em uma hipótese de escrita silábica, ditou: “Potira passava as manhãs, as tardes e o começo das noites esperando a canoa que levara Itagibá voltar”. A contribuição desta aluna, segundo sua professora comprovou que *não é preciso* estar alfabetizado para identificar problemas num texto e conseguir melhorá-lo. Na seqüência foram acrescentando alguns outros dados no texto e pararam aí.

Aproveitando o mesmo texto que tanto empolgou a turma, a professora resolveu aproveitá-lo para em outras revisões observar diferentes aspectos gramaticais como forma de introdução.

A professora então fez uma segunda revisão do texto em 29/08/00 da seguinte forma. Colocou na lousa a primeira versão do texto já revisado e discutiu a segmentação em parágrafos e a pontuação. Pediu que os alunos olhassem outros livros de histórias para perceberem a organização gráfica do texto: por que tem blocos de frases separados, o uso dos pontos, vírgula etc.

Depois disto recuperou no texto – pontuado e segmentado em parágrafos – os problemas ortográficos do original para corrigirem coletivamente.

A professora colou na lousa a versão da aula anterior. Leram o texto em voz alta e ela perguntou se aquela versão já estava pronta para colocarem no livro. Disseram que estava ótimo. A professora insistiu perguntando se não faltava nada, ao que os alunos ficaram em dúvida. Pediu então, que cada aluno abrisse o livro levado para ser lido em casa, e olhassem se havia algo nos textos dos livros que não havia no texto da classe.

Uma aluna relata a professora, olhou seu próprio e disse que o nosso texto não tinha ponto final. A partir daí perceberam também que faltavam vírgulas. A professora continuou insistindo para que observassem, se além do ponto final e da vírgula, não havia algo diferente nos livros, que o texto coletivo não apresentasse. Um aluno percebeu que havia alguns espaços maiores no começo de algumas linhas de seu livro de história e foi dizendo que se chamava parágrafo.

A professora foi debatendo e tentando explicar o que realmente são parágrafos, e pensava: “como é difícil explicar isso!” Pediu então que lessem e dissessem até onde, no texto, contava sobre o amor de Potira e Itagibá. Fez algumas intervenções, e assim foram debatendo e marcando os parágrafos. Nessa hora, ainda queriam alguns alunos mudar no texto as observações percebidas; a professora precisou ser muito firme, pedindo que deixassem isso para a próxima aula.

Para a professora foi muito trabalhoso fazer com que as crianças refletissem sobre os parágrafos. Em alguns momentos nem ela própria, relata a professora, sabia se determinado trecho era num parágrafo ou em outro. Para muitas crianças a necessidade de parágrafos ainda não se coloca, para outras já está passando da hora de iniciar tal debate.

Após a atividade do dia, a professora percebeu que a competência de revisar textos tem de ser construída com as crianças. E que é muito importante o planejamento cuidadoso da atividade, focando um aspecto de cada vez a ser revisado. Só assim o professor poderá fazer as intervenções adequadas e necessárias.

A atividade seguinte elaborada pela professora foi digitar o texto pontuado e segmentado em parágrafos, com as dificuldades e/ou erros ortográficos do original elaborado pela turma, e na aula seguinte, fazer a revisão ortográfica.

Resultado da 3ª revisão em 31/08/00, relatado pela professora Rosálinda.**

“Digitei o texto melhorado anteriormente, reintroduzi os erros ortográficos e sublinhei-os. Disse às crianças que meu computador apontou aquelas palavras como erradas, mas, como tive um problema, não consegui arruma-las e que a tarefa deles era escrevê-las corretamente”.

* Alunos da 1ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Octávio Pereira Lopes, no ano letivo de 2000.

Primeiro a discussão foi em grupos formados por três alunos. Muitos grupos conseguiram arrumar quase todas as palavras. Quando percebi que a discussão em grupos havia se esgotado, fui para a lousa. Eles ditavam a forma correta das palavras e eu arrumando na lousa. Quando não chegavam a um acordo ortográfico, eu recorria ao dicionário.

A única palavra que não conseguiram arrumar foi “SIDISPINDO”: trocaram os IS por ES, tiraram o S, o R... No final ofereci a informação, escrevendo a palavra correta. Um aluno ficou indignado por não ter percebido o erro antes, pois depois da minha intervenção pareceu-lhe ser óbvia a grafia correta.

Essa revisão foi menos trabalhosa que as de etapas anteriores, pois boa parte das crianças já tem certo domínio de algumas regras ortográficas e isso lhes dá certa autonomia na realização da atividade.

Foi muito interessante “ver as crianças compreendendo porque as palavras são escritas assim, e como é muito diferente dos famosos treinos ortográficos em que a criança tem de escrever muitas vezes para aprender o certo. Ainda me lembro do último treino ortográfico que dei para os meus alunos em 89. Pareceu que ainda estou vendo um menino treinando dez vezes a palavra “MELANCIA”. Nas duas primeiras escritas a palavra ficou correta e nas outras, totalmente diferentes entre si: melancia, melansia, melasia, malacia e daí por diante. Aquela situação me fez refletir sobre o treino ortográfico que era tão usado naquela época (e ainda é). O que a criança aprende quando treina? Por que se perde tanto tempo na escola com coisas inúteis? Realmente aquela foi a última vez que meus alunos treinaram palavras. Isso não quer dizer que nunca precisamos treinar para aprender. Si que às vezes o treino é necessário, mas no caso da ortografia ele não é condição para aprender a escrever certo”.

Para finalizar a atividade a professora digitou o texto até o momento revisado e verificou com a classe se ainda poderia ser melhorado.

“Resultado final,” 4ª revisão em 14/09/2000

A professora agrupou as crianças em trios e entregou o texto digitado contendo todas as melhorias feitas até então. Fizeram uma leitura coletiva para ver se o texto estava bom para ser colocado no livro. As crianças se mostraram empenhadas em corrigir o máximo possível, pois disseram que quando vira livro o texto não pode ter erros. Percepção esta que deixou a professora muito animada e motivada.

Primeiro, leram todo o texto e depois, por partes. Já no 1º parágrafo várias crianças disseram que não precisava das duas palavras eles (**Eles se amavam tanto e numa lua certa eles uniram suas almas num ritual do amor**). Depois de muita discussão tiraram o segundo ELES.

No 2º parágrafo disseram que estava tudo bom. No 3º foi complicado, houve muita discussão, a professora precisou intervir muitas vezes para tentar mostrar o que não estava bom. Foi tudo muito intenso, uns queriam retirar a Potira, outros deixar a Potira, trocar pelo pronome ELA, trocar por vírgula, etc. Muitas vezes os alunos concordavam com a professora, outros não. Enfim terminaram juntos o 3º e 4º parágrafos.

Enquanto a professora corrigia o texto na lousa as crianças corrigiam respectivamente, suas folhas. Depois de pronto, leram novamente e perceberam que o texto estava bom para a produção de um livro. Ainda poderiam perceber outras coisas para serem melhoradas, porém a professora imaginou que seria maçante retomar o mesmo texto.

6.3.1 Versão final do texto

A lenda dos diamantes

Numa tribo viviam dois jovens, o guerreiro Itagibá e a formosa Potira. Eles se amavam tanto e numa certa lua uniram suas almas num ritual de amor.

Tudo ficaria bem se a guerra não chamasse os homens da tribo. Mulheres, meninas e meninos foram se despedindo dos homens. Potira passava as manhãs, tardes e o começo das noites esperando a canoa que levaria Itagibá voltar.

Numa tarde surgiu a canoa que levaria Itagibá cheia de índios que não dava para ver a figura de seu amado. O coração de Potira disparou, não sabia se era de medo ou alegria. Os índios desceram da canoa, abaixaram suas cabeças em sinal de respeito. Potira ficou cabisbaixa e percebeu que seu amado havia morrido, correu para a margem do rio e chorou toda a dor que estava dentro de seu peito.

Chorou tanto que o Deus Tupã nunca tinha visto um amor tão grande e verdadeiro de uma índia por um índio, ficou comovido e transformou as lágrimas de Potira em diamantes.

6.3.2 Texto final dos alunos

A professora concluiu que fazer toda a revisão foi muito bom, pois muitas crianças se apropriaram de algumas questões discutidas durante as revisões e passaram a fazer uso desse conhecimento no momento em que produzem seus próprios textos.

Para esta professora ficou muito claro que ler diariamente para seus alunos e acompanhá-los na revisão são condições para que, progressivamente, possam criar, redigir e revisar seus textos com mais autonomia e qualidade.

7 CONCLUSÃO

Para proteger o mundo em que vivia o homem se apossou da palavra como um instrumento poderoso capaz de manter ou transformar seus valores, costumes, conhecimentos e tradições, alcançando a todos, indistintamente. Crianças, jovens, adultos e velhos podiam ouvir narrativas cujo caráter mágico e misterioso conquistavam os ouvintes através da arte dos contadores de histórias. Antes de a ciência surgir para explicar os acontecimentos e fenômenos que os homens presenciavam, eram as lendas, fábulas, mitos e contos populares repassados às futuras gerações que justificavam todos os fatos e manifestações que ocorriam, por meio da oralidade.

Naquele tempo “o pensamento mágico dominava em lugar da lógica que conhecemos” (OLIVEIRA, s.d.). A crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados era disseminada e as narrativas míticas, cheias de teor imaginário que traduziam o pensamento da época.

A partir do séc. XVII essas histórias começaram a ser adaptadas para crianças e passaram a compor a literatura infantil. Originalmente, essas histórias não foram escritas para elas, mesmo porque não se fazia distinção entre adultos e crianças e todos os assuntos podiam ser conhecidos por todos, indistintamente.

Mas, com o surgimento e ascensão da burguesia a “infância” recebeu um novo “status” e passou a ser considerada a base para a formação do novo modelo social. A criança passou a ser vista como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias e que precisava receber uma educação especial que a preparasse para a vida.

A Arte de contar histórias é uma prática milenar, porém não no seio familiar tão pouco nas escolas. Desde que se encontrou nos livros infantis uma possibilidade de mercado rentável, viabilizou-se a propagação dos mesmos. Nesse contexto, surge um tipo de literatura produzido para o público infano-juvenil que possui caráter utilitário, ou seja, está ligado à lição e à intenção didática, e tem por objetivo passar conceitos e normas de condutas sociais.

Como o pensamento mágico é uma das características das crianças, esta literatura arcaica acabou se transformando em literatura infantil porque a natureza mágica de sua matéria as atraía espontaneamente.

Para o surgimento desta escrita específica, vários autores como Charles Perrault, irmãos Grimm, Christian Andersen, Monteiro Lobato, e outros, contribuíram com suas obras, cujas narrativas eram adaptadas ao público infantil e, com teor maravilhoso, fantástico, traduziam a realidade adulta para as crianças. (PAZOS, 2004).

Embora a literatura infantil ao longo do tempo tenha sido utilizada com o puro objetivo pedagógico, doutrinador, a moderna pedagogia passou a enfatizar a necessidade de uma formação emancipada das crianças, e a literatura infantil respondeu com textos renovados, que procuram liberar a criatividade infantil. Atualmente, em muitas escolas, os professores têm resgatado o lugar do livro como puro entretenimento, deleite e prazer.

O indivíduo precisa de bases sólidas em sua formação e as histórias trazem em suma valores a serem assimilados de maneira lúdica e agradável. Por meio de atividades literárias, educamos o pensamento e colocamos em jogo as funções intelectuais da criança, ao mesmo tempo em que ela desenvolve o conhecimento do próprio corpo e a representação mental de forma lúdica.

Encarar a leitura como fonte de informação capaz de envolver, cativar, despertar a curiosidade e proporcionar satisfação e prazer, é um desafio que enfrentamos constantemente em sala de aula.

Ler de maneira silenciosa ou oralmente, individualmente ou em grupo, não importa, a leitura deve ser feita por prazer e não por obrigação. Mesmo antes de dominar o alfabeto, a criança pode expressar seus sentimentos por meio de uma história e perceber a relação entre texto e contexto, realidade e fantasia, refletindo sobre sua própria vida.

A prática de contar histórias leva a aquisição de aprendizagens significativas. O maior dos benefícios é formar um cidadão capaz de fazer uso competente da língua, seja ela falada ou escrita, capacita o leitor a assimilar um vocabulário, pronunciar adequadamente as palavras, refletir sobre sua própria história e sobre seu papel na sociedade. Além da informação, a leitura proporciona prazer.

Ao trabalharmos com uma criança não devemos desenvolver uma leitura passiva, e sim dinâmica onde o leitor se envolva com o texto, vivenciando a realidade.

No entanto, para despertar no aluno o prazer de ler, cabe ao educador criar um espaço onde a leitura seja cultivada em sala de aula. Em princípio, o educador deve ser um contador de histórias. Por ser um modelo para seus alunos, o professor deve ler com entusiasmo diversos tipos de histórias e encantar seus ouvintes cativando-os para os benefícios que a leitura proporciona.

Para isso, o professor deve se preparar adequadamente estando atento à seleção dos livros, às técnicas e recursos para contar histórias e entender que o ritmo, a expressão corporal, a memorização e improvisação são o tempero essencial que capacitam os contadores de histórias a encantar seus ouvintes por meio da arte da oralidade.

Utilizando recursos como marionetes, fantoches, dedoches, teatro de vara, teatro de sombras, Origami, avental chinês, luvas, sucatas, massinha, indumentárias mil, livros, chocalhos de tampinhas, de copos, de alça, caixas sonoras, pauzinho de rumba, etc., o professor sem dúvidas, conseguirá fascinar seus alunos e despertar neles o interesse por novas e divertidas histórias que poderão ser contadas e recontadas em um momento onde a imaginação e a reflexão serão os eixos que conduzirão os futuros leitores a se apropriarem do prazer de ler e de contar histórias.

A leitura é uma atividade fundamental na aprendizagem, ajudando o aluno a encontrar dados para solução de problemas, fornecendo informações sobre assuntos a serem estudados. O professor tem que eliminar a posição dogmática, propiciando um diálogo espontâneo onde a troca de experiência seja inevitável. A liberdade e a flexibilidade formarão um leitor crítico e criativo.

O ato de ler consiste no processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo. Essa realidade se revela através de várias linguagens como filme, cinema, livro, etc. A partir dessa leitura podemos trazer nossas experiências e visão do mundo de uma realidade perto ou distante. Ao conceber o ato de ler como um processo dinâmico, formamos um leitor crítico e criativo. Esse processo não pode depender só da escola, cabe ao leitor uma parcela dessa responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, FANNY. *Literatura Infantil*. [on-line] Disponível em < <http://mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/artecult/literat/litinf/>> Acesso em 13 out. 2005.

ARAUJO, Maria Yvonne Atalécio de. *Iniciação à leitura*. Belo Horizonte, 1972.

AZEVEDO, RICARDO. *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. [on-line] Disponível em < <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo07.htm> > Acesso em 13 out. 2005.

BASSO, Cíntia Maria. *A Literatura Infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos*. [on-line] Disponível em < http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania/02_01/CíntiaLC6.htm> Acesso em 10 out. 2005.

CHAGAS, Valnir. *Didática espacial de línguas modernas*. São Paulo: Nacional, 1979.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. *Brinquedo, desafio e descoberta, subsídios para utilização e confecção de brinquedos*. 1ª ed./ 3ª tir. – Brasília: FAE, 1995.

FRANCO, Ângela. *Metodologia de ensino língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lê, 1997.

GOÉS, Lúcia Pimente. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

GULBENKIAN, Fundação Calouste. *Guia do professor de língua portuguesa*. Local: s.l.: Lisboa, 1991.

GRANER, Judy Bartel, Maritza e Sara Segura. *Vivam as marionetes*. Deerfield, Florida: Vida, 1995.

MACHADO, A na Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *A Literatura infantil*. [on-line] Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/origens.htm>> Acesso em 10 out. 2005.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *A importância do maravilhoso na literatura infantil*. [on-line] Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>> Acesso em 10 out. 2005.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. *Texto técnico: guia de pesquisa e de redação*. 3. ed. Brasília: abc BSB/2004.

SORDI, Rose. *Magistrando a língua portuguesa: literatura brasileira, redação, gramática, metodologia de ensino e literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 1991. Obra em 3 v.

SOARES, Magda. *Letramento : um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. Componente curricular Literatura infanto-juvenil. In. Módulo *Aprendendo a aprender*, v. 10. Brasília: UniCeub, 2004, p.241 a 328.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de letras, 1996.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola/ Regina Zilberman . 11 ed. rev., atual. e ampl.* São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura e o ensino da literatura/ Regina Zilberman _ 2ª ed.* São Paulo: Contexto, 1991.

Guia de formação para professores das Séries Iniciais. Aprendendo a aprender. Livro 10. Org. Faculdade de Ciências da Educação – FACE, Convênio com a Secretaria de Educação – GDF, UniCEUB.

Entrevista: Hora da leitura, Nova Escola. Abril, Edição 161, p.5

Nova Escola, a revista do professor. Abril. Edições 135 e 174

Revista do Professor. Porto Alegre. Abr./jun.2001

Pátio Educação Infantil. Ano III. N.º 7, 8

Pátio revista pedagógica. Ano IX. N.º 33